



## ATENTADO EM IMAGENS:

### Sincronização e circularidade na mídia

#### TERRORISM IN IMAGES:

#### Synchronization and circularity in media

por Alberto Klein<sup>1</sup>

(Universidade Tuiuti do Paraná - [alberto.klein@utp.br](mailto:alberto.klein@utp.br))

Ana Paula da Rosa

(Universidade Tuiuti do Paraná - [anarosa208@yahoo.com.br](mailto:anarosa208@yahoo.com.br))

Revisão: Rodrigo Daniel Sanches

#### Resumo:

No início do século XXI, a imagem consolida sua onipresença nos meios de comunicação, configurando-se como um mecanismo midiático ordenador do tempo de vida dos cidadãos. A mídia sincroniza a sociedade, atribui ritmos e determina a construção da memória coletiva por meio dos rituais que estabelece. Esse processo fica claro na presente análise de três fotografias de atentados terroristas, veiculadas em diversos jornais, relativas ao ataque às torres gêmeas em 2001, ao atentado ao trem em Madri, ocorrido em 2004, e por fim, a ação terrorista acontecida em um metrô e um ônibus de Londres em 2005.

**Palavras-chave:** Sincronização social; memória; imagens; guerra

#### Abstract:

In the beginning of the 21st century, images reaffirm their omnipresence in the media, making itself a mediatic device of pacing the everyday life of contemporary citizens. Media synchronize society, establish rhythms and determine the construction of a collective memory through rituals. This process is clear from the analysis we draw from photographs, published in various newspaper in different countries, of terrorist attacks of the World Trade Center, the train in Madrid and finally in the subway and bus in London.

---

<sup>1</sup> Jornalista, Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor do Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens (MCL) da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).





**Key words:** Social synchronization; image; memory; war

### **Sincronização social: função e poder dos meios de comunicação**

O homem é, por natureza, um ser sociável, diferentemente do que acontece com algumas espécies de animais. Desde o primeiro instante de vida, ainda no útero materno, o “animal-homem” depende do outro. E mesmo depois de nascer, ao longo da vida, o homem necessita da convivência com outras pessoas para que possa se desenvolver plenamente. E é nesse sentido que os meios de comunicação possuem vital importância. Os meios - não se tratando aqui apenas dos técnicos, mas também deles – são sistemas comunicativos que possuem a função de ordenar uma sociedade, visto que uma comunidade sem ordem, sem regras, praticamente determina sua auto-destruição. A língua, por exemplo, enquanto meio, organiza determinada comunidade permitindo que os membros desta comunidade se reconheçam e se identifiquem.

Os meios como ordenadores, regulamentam as relações e atribuem valores e significados reconhecíveis e aceitáveis. Ordenar é, antes de tudo, atribuir ritmos, estabelecer e definir tempos. No entanto, o que é o tempo? Para o sociólogo Norbert Elias (1998), o tempo não é o registrado pelos relógios, mas, sim, um símbolo social fortemente enraizado na cultura e estipulado conforme o processo evolutivo do homem, sendo transmitido, assim, de geração a geração.

Assim como os relógios e os barcos, o tempo é algo que se desenvolveu em relação a determinadas intenções e a tarefas específicas dos homens. Nos dias atuais, o “tempo” é um instrumento de orientação indispensável para realizarmos uma multiplicidade de tarefas variadas. Dizer, porém, que é um meio de orientação criado pelo homem traz o risco de levar a crer que ele seria *apenas* uma invenção humana. E esse “apenas” traduz nossa decepção





diante de uma “idéia” que não seja o reflexo fiel de nenhuma realidade externa. Ora, o tempo não se reduz a uma “idéia” que surja do nada, por assim dizer, na cabeça dos indivíduos. Ele é também uma instituição cujo caráter varia conforme o estágio de desenvolvimento atingido pelas sociedades. O indivíduo, ao crescer, aprende a interpretar os sinais temporais usados em sua sociedade e a orientar sua conduta em função deles. A mnêmica e a representação do tempo num dado indivíduo dependem, pois, do nível de desenvolvimento das instituições sociais que representam o tempo e difundem seu conhecimento, assim como das experiências que o indivíduo tem delas desde a mais tenra idade. (ELIAS, 1998, p.15)

Portanto, com base em Elias, o tempo é o resultado de uma aprendizagem e os relógios e calendários são instrumentos físicos que a sociedade instituiu e padronizou para harmonizar o comportamento de uns com o dos outros. Enfim, para ordenar a vida em sociedade. O tempo estipulado pelo calendário é, nas palavras de Elias, “quase uma segunda natureza e aceita como se fizesse parte do destino de todos os homens” (p.11).

Na esteira de Elias, Norval Baitello Júnior (1999) destaca que o tempo é um complexo sistema simbólico, uma projeção das ritmicidades sobre a percepção do espaço, sendo que os suportes materiais do tempo devem ser sempre reiterados. Este é o caso do próprio calendário e dos processos de ritualização cotidianos. Para Baitello:

Sistemas comunicativos têm sempre a função ordenadora dentro das sociedades: os símbolos regulamentam relações, convencionam significados e valores e, portanto, estabelecem ordem, tecem relações (ordinare, no latim, significa entre outras coisas, colocar os fios de um tecido em seqüência). Para que o tecido social com suas múltiplas funções sobreviva, é de fundamental importância que exista e também funcione perfeitamente o tecido comunicativo que une os indivíduos entre si, formando um amplo sistema de símbolos ordenadores. Assim, a cultura, enquanto sistema comunicativo tem como principal função a de ordenar as informações de uma sociedade. (BAITELLO, 1999, p. 99)





Sendo assim, talvez um dos mais eficazes suportes do tempo seja a mídia, com a possibilidade de reter o passado e , de algum forma, antever o futuro, transformando-os no presente com a geração, conservação e distribuição de informações. A mídia, deste modo, atua como demarcadora do tempo e da vida dos indivíduos, sincronizando suas atividades. Sincronizar é combinar ou executar ações simultaneamente. Os meios de comunicação de massa possuem o papel de sincronizar os tempos individuais, atualizando ou rechaçando valores sociais. A sincronização da sociedade é dada por tudo aquilo que se divulga, que se mostra, informa-se ou exclui-se dos meios, criando uma espécie de ritual que é reiterado ao longo dos anos. Ainda para Baitello Júnior (1999),

Para afirmar e reafirmar o símbolo tempo, a mídia adota não apenas as imagens calendárias e/ou cronológicas do dia, da noite, da tarde, do período, da jornada e do jornal, da folha e da folhinha, como ritualiza suas aparições, suas formas e seus formatos, acentuando-lhes a função sincronizadora. Abrir um jornal ou apenas percorrer os olhos sobre suas manchetes principais, sentar-se diante da televisão e assistir ao noticiário, sentar-se no carro e ouvir os jornais matutinos constituem alguns dos rituais mais resistentes deste século. Transformam-se os suportes, mudam os canais, as formas e os horários, mas esta comunhão simbólica com o tempo permanece inalterada. (BAITELLO: 1999, p.104)

Isto significa dizer que os meios de comunicação desenvolvem rituais, criando assim uma forma de demarcar o tempo. Mais do que manter a “ordem social” em função dos meios serem portadores de símbolos, a mídia sincroniza pensamentos, ações e olhares, exigindo do receptor da informação uma espécie de resposta. Por exemplo, quando as pessoas lêem num jornal determinado assunto, este tema é percebido e passa a orientar valores que serão empregados no dia-a-dia dos cidadãos. Os rituais, conforme Gebauer & Wulf (2004), podem ser de dois tipos: ligado às fases da vida e ao calendário. No primeiro caso, dizem respeito às fases pelas quais todo ser humano passa até sua





morte. Já o ritual do calendário é o que possui maior relação com a mídia e vai tratar dos fatos ocorridos ao mesmo tempo e para grandes coletividades. Para os autores

No simbolismo de um ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado interpõem-se um ao outro e surgem como um mundo só. Através disto, o ritual torna-se um modelo do mundo e para o mundo. Enquanto que por um lado o ritual refere-se à realidade social e psíquica, e por outro a realidade refere-se ao ritual, este dá forma e significado à realidade social e psíquica. Os rituais personificam posições de fé, idéias e mitos; eles representam suas materializações e realizações e vencem a dicotomia entre ação e pensamento. (...) Os rituais são ações e ao mesmo tempo a interpretação destes. (GEBAUER & WULF: 2004, p.152)

A mídia tem, portanto, como ritual, seguir o calendário e repetir informações a fim de que possa, realmente, demarcar o tempo dos indivíduos. Contudo, além do tempo, os meios criam uma agenda social na qual são dispostos alguns aspectos de uma questão em detrimento de outros. No caso do jornalismo e da fotografia, é sempre necessária uma escolha do que deve ou não aparecer. Nesse sentido, Harry Pross (1980) destaca que o que não aparece é como se não existisse, mas, além disso, o importante é se manter nos meios, pois um assunto que desaparece é como se também não tivesse existido. O ritual que a mídia oferece é o de atribuir importância àquilo que informa, dando luz à apenas alguns assuntos, fazendo com que os leitores ou destinatários possam incluir em seus próprios temas apenas aquilo que lhes é dado. Isto se torna mais perceptível com relação à imagem veiculada na mídia, que gera uma sincronização **pelo** olhar e **do** olhar.





## Olhares padronizados, imagens auto-referenciais

A imagem está em todos os lugares, onipresente, nos jornais, nos outdoors, na televisão, sendo que, cada vez mais, os nossos olhos são “convocados”, exigidos, em detrimento dos demais sentidos do corpo. A mídia é uma das responsáveis por esta propagação desenfreada de imagens, visto que a imagem ainda possui, no senso comum, uma relação com a verdade, um poder documental, mesmo que se saiba que toda imagem é uma construção. O certo é que os meios contribuem para sincronizar os tempos individuais pelo rito do olhar, ou seja, pela exposição/apresentação de determinadas imagens que se reproduzem e se repetem ao longo dos anos.

É a partir das imagens selecionadas para serem vistas que ocorre a sincronização **pelo** olhar. Uma sociedade que vê a mesma imagem, repetidas vezes, em vários suportes diferentes (televisão, jornal impresso, Internet) acaba por crer que aquela imagem é a única que vale a pena ser vista, mesmo que um contingente imenso de imagens tão ou até mais relevantes seja, simplesmente, deixado de lado.

Para Dietmar Kamper (2000), tudo o que não é visível parece ter perdido a condição de existente e como num acordo tácito, todos sabem, mas todos estão vidrados nas poucas imagens que se mostram.

Tudo o que não for visível tem que ser descartado como objeto sem valor, antes mesmo de entrar no jogo. Em compensação, toda imagem conformável ao olhar pode ser configurada ativamente, apresentada e reapresentada em encenações repetidas uma vida inteira, inclusive com a participação das pessoas que se colocam sob os olhares controladores. (KAMPER, 2000, p. 01)



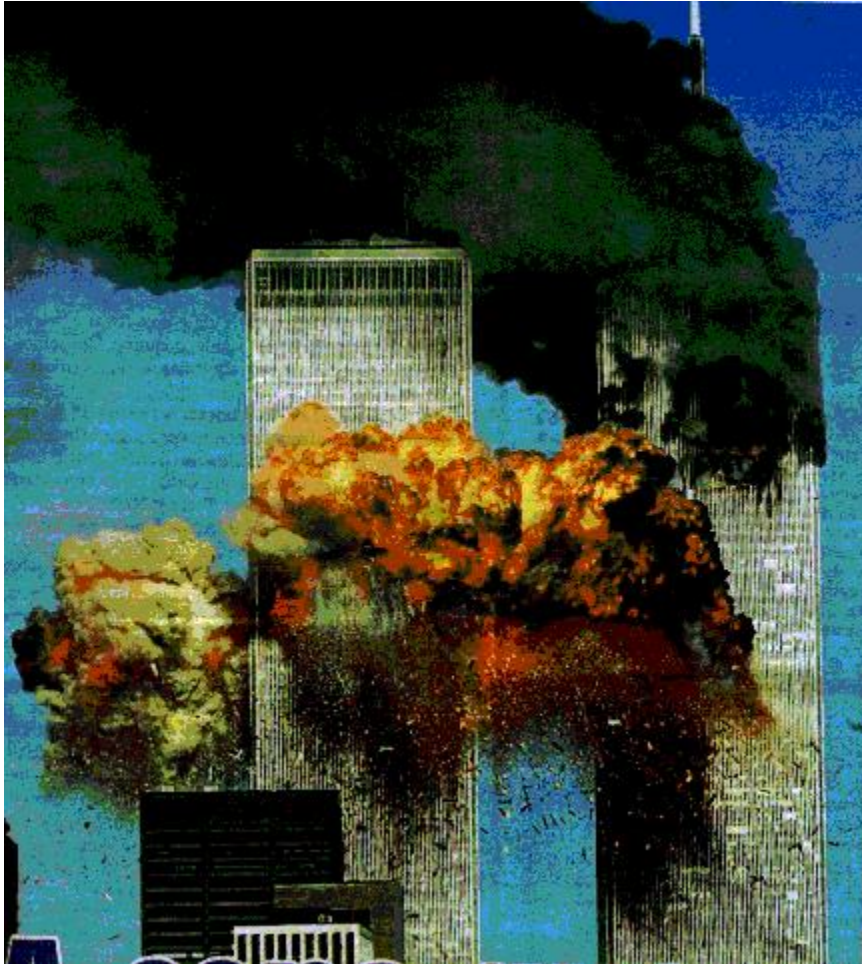


As guerras são um exemplo clássico do poder que as imagens exercem sobre a sociedade, no sentido de ordená-la e de sincronizar os tempos e os pensamentos por meio dos olhos. Não é à toa que Adolf Hitler utilizou o fotojornalismo e, portanto, a imagem dita objetiva para fomentar seu regime de governo totalitarista e difundir suas idéias nazistas. O fotógrafo Heinrich Hoffmann fez uma série de fotografias de Hitler a fim de escolher seu melhor ângulo, aquele que lhe daria maior altivez e que despertaria a subserviência. Segundo Gisele Freund (2002), Hoffmann acabou centralizando todas as imagens de Hitler e dos confrontos nazistas, sendo que

Cuando estalla la guerra, Hoffmann organiza en Berlin una central fotográfica encargada de controlar todas las fotos hechas en el frente. El será quien elija las que le parezcan las más apropiadas para la propaganda alemana. Estabelece una verdadera fábrica; manda hacer contratipos para enviarlos a toda la prensa con la obligación de publicarlos. Pero sólo él percibirá los derechos de reproducción. (FREUND, 2002, p. 112)

Atualmente, os atentados terroristas ou os conflitos da Guerra Contra o Terror reforçam a função que Harry Pross (1980) defende como primordial, a função de sincronizar uma sociedade e, mais do que isso, de padronizar aquilo que lhe é oferecido para ver. O atentado às torres gêmeas, no dia 11 de setembro de 2001, não está presente apenas na memória, uma vez que a data é reiterada constantemente. O atentado está presente nas retinas, pois o ataque terrorista não se deu apenas em relação a um bem material, com a derrubada do “símbolo do capitalismo norte-americano”. A destruição das torres e a imagem desta destruição foram um ataque ao olhar, que a mídia continua mantendo em curso.





A foto acima, das torres em chamas, é talvez uma das mais emblemáticas da era atual. Desde que o atentado mudou a paisagem da cidade de Nova York, os jornais, sites noticiosos e redes de TV parecem ter feito um acordo de que a bandeira norte-americana deve ser defendida em todo o mundo, principalmente nos países de cultura ocidental. Desenvolveu-se e incutiu-se nas mentes que o terrorismo deve ser combatido, nem que para isso seja necessário retalhar o terrorismo com mais terrorismo. As agências internacionais de notícias, que distribuem informações para diversos países, estão, ao que







tudo indica, engessadas em um único padrão. Assim, as imagens remetidas para as empresas que compram seus serviços são as mesmas e, na maioria das vezes, provêm de apenas três agências: Reuters, Associated Press (AP) e Agence France Presse (AFP). Contudo, 50 % ou mais do conteúdo imagético publicado, mesmo na web, advém da Reuters. João Batista Natali (2004) realizou uma pesquisa quantitativa nos principais jornais de São Paulo em uma quinta-feira do ano de 2004, sendo que em apenas um dia os jornais brasileiros como *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo* receberam 1.400 textos de agências, porém não foram 1.400 notícias diferentes.

Há uma certa e compreensível redundância, com três ou quatro agências abordando o mesmo assunto, ou a mesma agência atualizando duas ou três vezes o mesmo telegrama, com o acréscimo de informações que atualizem seu enfoque. Vejamos o que o leitor recebeu desse mundo quase infinito de letrinhas. No dia seguinte, uma sexta-feira, *O Globo* resumiu seu noticiário internacional em 13 títulos. *O Jornal do Brasil*, mais modestamente, o fez em cinco. *O Estado de São Paulo* publicou 17, e a *Folha de São Paulo*, 18. (NATALI, 2004, p. 10)

Mediante este número de notícias disponibilizadas pelas agências, a quantidade de informação imagética, com certeza, não foi a mesma. Os sites noticiosos que trabalham com a idéia do tempo real atualizaram os textos, mas como o fazem diariamente, mantiveram as mesmas imagens nos sites. E a imagem das torres em chamas teve, e ainda tem, recebido um destaque especial. A veiculação mais recente, mas com certeza não última, desta foto pela mídia impressa, foi neste mês de março, quando a ocupação do Iraque pelo exército norte-americano completou três anos. Mesmo não havendo uma relação explícita com os atentados aos EUA, a imagem foi reproduzida novamente, reiterando o horror nela contido e a necessidade do combate ao terrorismo, como se essa imagem legitimasse e justificasse toda uma guerra. A sincronização, neste caso, é clara. Ao





repetir uma imagem em diversos veículos de comunicação, a sociedade passa a acreditar que esta é a imagem do que se deve combater. Mesmo que a teoria do espelho, na qual a fotografia e o próprio jornalismo eram tratados como retratos fiéis da realidade, já esteja completamente ultrapassada, a “representação” daquilo que o 11 de setembro foi faz com que os “espectadores” (e às vezes expectadores<sup>2</sup>) desta imagem a tenham como verdadeira e existente tal como é apresentada.

O mesmo acontece com a imagem do trem destruído no atentado à Madrid, ocorrido em 2004. A fotografia da agência Reuters foi exibida em diversos jornais, com um apelo forte à espetacularização.



---

<sup>2</sup> Expectadores porque além de ver as imagens, os espectadores passam a criar expectativas, ansiar, ainda que inconscientemente, por vê- las novamente. E mesmo que sejam exibidas e reexibidas, estas imagens emblemáticas se tornam sempre de grande interesse.





O fato, por si só, já é espetacular. No entanto, a cobertura jornalística-imagética do evento enfatiza os danos, a destruição, a ruptura da ordem da civilização e o avanço à barbárie por meio do terrorismo. O buraco causado pela explosão da bomba faz com que o leitor da imagem também se sinta afetado, atingido, pois onde deveria estar um símbolo do progresso está apenas um rombo, um rombo que fere os olhos, mais do que as pessoas. É claro que o atentado deixou vítimas e feridos, mas vitimou, “por tabela”, outras milhares de pessoas. E mesmo na cobertura do ataque a Madrid, o 11 de setembro foi revivido pela imagem.

Neste sentido, o atentado simultâneo ao metrô e a um ônibus de Londres, em 2005, foi repercutido pela mídia.





Em manchetes como “*De novo o terror*” (Gazeta do Povo –PR), “*O terror parte III*” (Zero Hora-RS), uma imagem do ataque se tornou símbolo: o ônibus em pedaços. Jornais de todo o mundo exibiram a imagem fornecida pelas agências. Estranhamente, mesmo que os veículos tenham utilizado agências de notícias diferentes, as imagens são de uma semelhança<sup>3</sup> espantosa. É como se todos os fotógrafos que “presenciaram” o fato só percebessem o atentado de um aspecto, enfatizando os destroços a fim de dimensionar o impacto do ocorrido.

As três imagens se parecem: todas dizem respeito a uma ação terrorista relacionada, comprovadamente ou não, a grupos extremistas do Oriente Médio. As três fotografias trazem em seu conteúdo os destroços de explosões sem precedentes, mas que seriam uma espécie de continuidade do fato inicial ocorrido em 2001. Deste modo, a sociedade mundial, visto que as imagens foram exibidas em centenas de países e diversas vezes repetidas, tem seu tempo, e vida, sincronizados **pelo** olhar. É como se os relógios em 2005, quando ocorreu a ação em Londres, voltassem a 2001 com o olhar, numa espécie de “embaralhamento”. É como se os olhos se fechassem e ao serem abertos revivessem o conflito e a queda das torres. O pensamento, as posições políticas e religiosas, as culturas se integram e integram pelo olhar, em função das imagens serem oferecidas, como afirma Ignácio Ramonet (2002), como “guloseimas para os olhos”, ou seja, não como informação, mas para serem devoradas.

---

<sup>3</sup> A semelhança destacada aqui não é a da expressão, visto que os destroços do ônibus seria uma imagem inevitável. A semelhança é a do conteúdo, no sentido de que as pessoas foram colocadas em um segundo plano, onde os danos materiais estiveram em destaque. A cobertura fotográfica dos conflitos no Iraque, por exemplo, mostra geralmente o desespero dos parentes e o amontoado de corpos, se atendo à figura humana.





Entretanto, a sincronização se dá, também, de uma outra forma e esta talvez seja a forma mais nociva de sincronização. Se por um lado, a sociedade precisa ser ordenada, organizada, para que possa se desenvolver e se harmonizar, por outro a sincronia **do** olhar torna as pessoas cegas para o que mais existe. A sincronização social **do** olhar é aquela que se dá quando o olhar é “anestesiado”, passando a ver sempre de um ponto único. A sincronização **do** olhar se dá em conseqüência à sincronização **pelo** olhar, ou seja, ao ser exposto demasiadamente a uma única imagem, de um único aspecto, o olho passa a enxergar esta questão apenas sob este ângulo. Enquanto a sincronização **pelo** olhar ocorre por ver imagens reiteradas, a sincronização **do** olhar acontece quando a construção imagética pessoal, inclusive mental, se torna dependente daquilo que lhe foi ofertado para ver anteriormente. Vilém Flusser (2002) argumenta que a imagem possui a função “biombo”, impedindo o olhar para além da imagem mediatizada. A sincronia **do** olhar leva à substituição do objeto e à gradativa perda da capacidade de ver conceitualmente. Isto significa dizer que a fotografia da guerra contra o terror, entendendo os atentados como um estopim, se torna a visão da guerra. As torres destruídas, o amontoado de ferro retorcido do trem de Madri e as poltronas estilhaçadas do ônibus de Londres são as únicas imagens que ficam e que ganham, de alguma forma, vida própria.

Enfim, a sincronização **do** olhar leva à auto-referencialidade da imagem. Para Günther Gebauer & Cristoph Wulf (2004)

O surgimento e o crescimento dos meios de comunicação de massa fomentam este processo. Suas imagens comportam-se mimeticamente em relação à realidade apreendida. Eles recriam a realidade, modificam-na, absorvem-na. A miniaturização e a aceleração da realidade transforma-se em um substituto para o cotidiano de experiências reais e da verdade. Para o cotidiano não é a realidade que se torna imagem, mas as imagens que tornam-se realidade. Aqui surge uma pluralidade de realidades imagéticas. A diferença entre realidade e ficção desaparece. As imagens estão imediatamente disponíveis e por isso vão ao encontro dos desejos de





onipotência dos homens. Tudo parece realizável, pelo menos na imagem. Imagens simulam imagens à procura de imagens e realidades perdidas (GEBAUER & WULF, 2004, p. 50)

Mediante o quadro apontado acima, o que se percebe é que cada vez mais a credibilidade da imagem é reforçada, pois é ela que assume o lugar dos objetos, dos referentes, gerando um único modo de ver. Ítalo Calvino (1998), já destacava em “Seis propostas para o próximo milênio” sua preocupação com a troca da experiência pela imagem.

Somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo. Se incluí a visibilidade em minha lista de valores a preservar foi para advertir que estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, (...) de pensar por imagens. (CALVINO, 1998, p.107-108)

### **A Imagem e o Círculo**

São profundos os vínculos entre a função de sincronização social e o estabelecimento de ritmos sociais, ambos exercidos pelos meios de comunicação de massa. Criar ritmos (ritualizações), temporalidades, significa, antes de tudo, estabelecer períodos e compassos para a revivificação da memória na cultura. Tais aspectos foram amplamente estudados e elucidados por Pross (1980) em seu “Estructura Simbólica del Poder”. O que se pretende neste item é, a partir do pensamento de Pross, compreender o compasso das imagens, tomando a figura do círculo como elemento chave. As pistas





conceituais serão dadas por Vilém Flusser e Ernst Gombrich, a fim de vislumbrar o mesmo fenômeno sob outra perspectiva.

A circularidade do tempo está inscrita na projeção de nosso olhar sobre as imagens, conforme nos mostra Flusser em seu famoso livro “Filosofia da Caixa Preta”. O tempo da imagem, assim, remeteria a uma espécie de tempo mágico, posto que as relações causais de linearidade que regulam, sobretudo, a construção do texto na escrita, ficariam anuladas diante da configuração dos elementos visuais no plano e da trajetória do movimento do olhar que ela demanda. Neste sentido escreve Flusser:

Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado. Deste modo, o olhar vai estabelecendo relações significativas. O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre os eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis (FLUSSER, 2002, p. 8)

Apesar de todos os distúrbios provocados pela excessiva carga de imagens no panorama midiático, a reversibilidade de relações da imagem procura reinscrever o homem contemporâneo numa espécie de circularidade mágica semelhante àquela experimentada pelo homem das sociedades orais. Portanto, não seria descabido afirmar que a linha do texto jamais sufocou o círculo do tempo, que ressurge, ou pela imagem, ou pelas ritualizações da memória empreendidas pelos próprios meios de comunicação, tais como estudadas por Pross (1980).

Pretendemos, contudo, nos deter em um outro fenômeno da circularidade envolvendo as imagens midiáticas. A dinâmica das reiterações e reaparições das





fotografias de atentados terroristas apresenta, mais do que a circularidade do tempo nas imagens, a circularidade das imagens no tempo.

A memória, assim, será reatualizada (ou ritualizada) necessariamente. Seja na rememoração periódica, cumprida ritualisticamente pela mídia, seja na evocação de uma imagem à outra a cada nova tragédia consumada (Londres reitera Madri, que reitera as Torres Gêmeas). Neste último caso, a constante reiteração e rememoração escapam ao mecanismo contemporâneo da iconofagia, exemplarmente descrito por Baitello Jr. (2005), que pressupõe, no movimento inflacionário de imagens midiáticas, uma espécie de esvaziamento simbólico em vista da fúria iconofágica da civilização contemporânea (homens que devoram imagens, imagens que devoram homens, imagens que devoram imagens). No lugar da devoração, a imagem do ônibus destruído retroalimenta a imagem dos escombros do metrô que, por sua vez, rememora a colisão dos aviões no World Trade Center. Inversamente, o movimento circular prevê que as imagens das torres, necessariamente, se remetam às imagens do metrô e do ônibus.

O fechamento do círculo revela-nos a *mimesis* do terror em movimento, ainda que as imagens sejam estáticas. Para tanto, é necessário que uma imagem associe-se à outra por semelhança ou pela sua função (denúncia do terror islâmico) e, além disso, que ela cumpra as expectativas do leitor/observador em favor da criação de um sentido, mesmo sendo este reducionista ou ilusório. De qualquer maneira, o apelo semiótico das fotografias, sua indissociação e redução às imagens precedentes só farão aumentar os estereótipos do terror relacionados ao islã, satisfazendo, facilmente, como que por atalhos, a ânsia por significados da mente ocidental.

É interessante, neste aspecto, remetermo-nos ao belo trabalho publicado por Ernst Gombrich no ano de 1960, intitulado “Art and Illusion”, em que destaca o papel do observador na constituição da *mimesis* da imagem. No capítulo “The Beholder’s Share” (“A







Parte do Observador”), o autor trata daquilo que ele denomina “projeção guiada”, uma espécie de capacidade de preencher as lacunas da imagem para a formação de sentido, usando como exemplo a habilidade da imaginação humana de enxergar figuras diferentes nos movimentos e formações de nuvens nos céus. As palavras do sábio grego Apolônio, citadas por Gombrich, são bastante significativas para descrever este fenômeno: “A arte da imitação comporta dois aspectos? Um deles é o uso das mãos e da mente na produção de imitações, outro aspecto é a produção da semelhança apenas pela mente” (apud. GOMBRICH, 2000, 182).

Mesmo respeitando a localização do conceito e sua aplicabilidade na esfera da *mimesis* do mundo empírico, é possível fazermos uma aproximação da idéia de “projeção guiada” de uma imagem como representação da outra. Bastaria, assim, a foto do ônibus destruído para recobramos o terror do 11 de setembro. A partir de agora, a projeção da imagem do ataque às torres será operada a cada nova imagem de atentado. Um elemento já será suficiente para preenchermos de sentido as lacunas das futuras fotografias de destruição.

Rememoração, reiteração e projeção inscrevem-se por circularidades. Se o círculo nos empurra às suas muitas voltas, haveria então alguma rota de fuga? Talvez seja esta a ansiedade específica de nosso olhar diante das imagens das torres do metrô e do ônibus, sendo sua grande dúvida, que lhe assusta e lhe seduz, a possibilidade de o círculo não se esgotar. Quais são as futuras imagens do 11 de setembro?

## **BIBLIOGRAFIA**

BAITELLO JR., Norval. O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999, reimpressão 2003.





BAITELLO JR., Norval. A era da iconofagia. São Paulo: Hacker, 2005.

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 1998.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FLUSSER, Vilém. A filosofia da caixa preta. Rio de Janeiro: Relumbre Dumará, 2002.

FREUND, Gisèle. La fotografia como documento social. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 10ª edição, 2002.

GEBAUER, Günter & WULF, Christoph. Mimese na cultura : agir social, rituais e jogos, produções estéticas. São Paulo: Annablume, 2004.

GOMBRICH, Ernst. Art and Illusion. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NATALI, João Batista. Jornalismo Internacional. São Paulo: Contexto, 2004.

PROSS, Harry. Estructura simbólica Del poder. Barcelona: Gustavo Gilli, 1980.

RAMONET, Ignácio. Propagandas silenciosas: massas, televisão e cinema. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

### Outras referências

KAMPER, Dietmar; MERSMANN, Birke; BAITELLO JÚNIOR, Norval. Sobre o futuro da visibilidade. Texto apresentado no seminário internacional Imagem e Violência promovido pelo Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura (CISC) e pelo SESC/SP em março de 2000. Disponível no site [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br). Acessado em 03/03/2006.

Especial Atentado aos Eua; Madrid e Londres. Disponível em [www.folha.uol.com.br/especial/2001](http://www.folha.uol.com.br/especial/2001) acesso em 10/03/2006

Especial WTC. Disponível em [www.noticias.terra.com.br/mundo/interna](http://www.noticias.terra.com.br/mundo/interna) acesso em 24/03/2006

